***Em algum lugar do passado***
Em 1988, a floresta começava a ser inundada dando lugar ao lago de Balbina que soterrou milhares de espécies de árvores nobres

***Olho grande***
"Empresas asiáticas já adquiriram, em espaço curtíssimo de tempo, 8,6 milhões de acres na Amazônia brasileira"

## Tesouro submerso

# Projeto para resgatar madeira

### ❑ Senador Bernardo Cabral (PFL-AM) acusa que Eletronorte tratou como lixo 6,8 milhões de metros cúbicos de madeira nobre, que estão no fundo do lago de Balbina

Mário Adolfo

Um verdadeiro tesouro, no valor de alguns milhões de dólares, dorme no fundo das águas amazônicas. *Balbina* e *Pitinga*, no Amazonas, *Tucuruí*, no Pará, *Uatumã*, em Roraima, e Samuel, em Rondônia, são algumas das hidrelétricas cujos lagos acomodam quantidades incalculáveis de madeiras. Para tentar correr atrás dos prejuízos e resgatar o potencial madeireiro inundado pela irresponsabilidade de governos passados, o senador Bernardo Cabral apresentou na tribuna do Senado a proposta para a implementação do projeto de exploração de madeira submersa na Amazônia.

Segundo ele, sua viabilidade econômica promete não só recuperar uma massa valiosa de empregos no Norte do País, mas também trazer auspiciosos retornos financeiros à União.

De acordo com Bernardo Cabral, no caso de Balbina estudos apontam que o equívoco da Eletronorte em inundar as terras que vieram a dar lugar à represa desconsiderou por completo o valor em potencial dos produtos florestais que viriam a ser submersos. Com isso, a Eletronorte tratou como lixo florestal aproximadamente 6,8 milhões de metros cúbicos de madeira nobre, numa área de 2 mil 360 quilômetros quadrados do reservatório sobre o qual Balbina se assentou.

— Em outras palavras, são 28,8 metros cúbicos de madeira por hectare! - observou o senador amazonense em seu discurso.

Mais à frente, ele lembrou que na realidade, à época do fechamento da barragem, alguém chegou a sugerir que as empresas madeireiras explorassem as riquezas depositadas nas áreas inundadas dentro do sistema de corte de árvores durante as vazantes e reboque das toras durante as enchentes. Mesmo assim, faltou a devida agilidade e empenho em atrair as madeireiras para a exploração de tal empreitada na Amazônia.

— Tal indiferença se agrava ainda mais quando tomamos conhecimento de que a estimativa de matéria orgânica seca por hectare é de 600 toneladas para Balbina e 300 toneladas para Tucuruí, respectivamente.

Segundo o senador, o aproveitamento otimizado das toras amazônicas alojadas nos fundos dos lagos significará, antes de tudo, uma empreitada política de grande vulto, pois, aos olhos da rigorosa apreciação crítica, não há como negar o compromisso com uma proposta simultaneamente progressista e ambientalista, que visa ao resgate de uma perspectiva nacionalmente redentora das nossas riquezas naturais - explicou Cabral.

O senador Bernardo Cabral afirmou da tribuna que o aproveitamento otimizado das toras amazônicas alojadas nos fundos dos lagos significará, antes de tudo, uma empreitada política de grande vulto, pois, aos olhos da rigorosa apreciação crítica, não há como negar o compromisso com uma proposta simultaneamente progressista e ambientalista que visa ao resgate de uma perspectiva nacionalmente redentora das nossas riquezas naturais

Disse ele que a proposta é progressista, porque se compromete a transformar os recursos ali depositados em produto econômico com alto valor de troca; é ambientalista, porque emprega os interesses da racionalidade extrativista sem arranhar qualquer preceito que fira a preservação da Floresta Amazônica.

> *"Existem milhões e milhões de metros cúbicos de madeira em toras submersas"*

— Evidentemente o desenvolvimento de tal projeto econômico na Amazônia não surge como uma iniciativa oportunista, tampouco como mais um arroubo capitalista de caráter arrivista. Pelo contrário, a proposta atravessou longo período de amadurecimento - afirmou, destacando a contribuição dos técnicos do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Graças a eles, disse o senador, a Amazônia pôde ser repensada não só como uma região destinada a abrigar o maior reservatório botânico e zoológico do mundo, mas também como uma região ávida por obter melhor aproveitamento econômico, ecologicamente equilibrado e auto-sustentável de sua vasta biodiversidade.

Segundo estudos do Inpa, "existem milhões e milhões" de metros cúbicos de madeira em toras submersas, nos lagos formados pelas diversas hidroelétricas da Amazônia. Imersas nessas águas, as toras se conservam naturalmente e proporcionam um custo de exploração inferior ao verificado no corte tradicional, que se realiza, habitualmente, nos meses que antecedem à estação das chuvas, anteriores à elevação das águas.

## *"Caso dramático de incompetência administrativa"*

**Em Tempo: O que realmente aconteceu em Balbina e Tucuruí?**

*Cabral:* Para efeito de breve comparação, vale a pena recuperarmos algumas informações sobre as duas importantes usinas. A disparidade dos números a que fiz alusão momentos atrás se justifica por atropelos históricos, uma vez que enquanto Balbina alagou uma área inteiramente florestada, a área de Tucuruí, antes de ser coberta pelas águas, já havia sido irresponsavelmente devastada pelas obras faraônicas da Transamazônica. Apesar de Balbina e Tucuruí ocuparem território florestal de área praticamente semelhante, de aproximadamente 2 mil e 300 quilômetros quadrados, há uma distinção sutil entre as duas políticas de aproveitamento de recursos submersos.

**Em Tempo: Balbina é o pior caso?**

Cabral: Não diria o pior, mas se configura como o caso mais dramático de incompetência administrativa, haja vista o vasto patrimônio ocioso que armazena nas terras inundadas: calculam-se quase 80 mil toneladas de madeira.

**Em Tempo: Mas no lago de Tucuruí já existem empresas retirando madeiras em toras?**

*Cabral:* Em Tucuruí, ao contrário de Balbina, o quadro se afigura de maneira menos obscura, se bem que nem tanto. De qualquer forma, ao menos lá, já pode ser comprovada a presença de madeireiras retirando toras valiosas da represa, mediante a contratação de mergulhadores providos de motosserras especiais para uso debaixo d'água.

**Em Tempo: Economicamente, o resgate da madeira é viável?**

*Cabral:* Tal sistema, segundo os madeireiros, proporciona economia substancial nos custos em comparação com a exploração tradicional em terra seca. Isso porque fica muito menos oneroso transportar e rebocar toras cortadas por via marítima. Apesar do louvor da iniciativa, temos que reconhecer que a escala desses processos exploratórios em Tucuruí está muito aquém do desejável. A exploração não é sistemática, tampouco participa de um plano econômico mais geral e ecologicamente acompanhado.

**Em Tempo: Então Tucuruí é uma exceção?**

*Cabral:* O exemplo de Tucuruí ainda constitui caso excepcional na Amazônia como forma inteligente e lucrativa - ainda que incipiente - de exploração de produtos da floresta.

**Em Tempo: Além da madeira, não existiriam outros recursos naturais submersos pela insensibilidade dos administradores?**

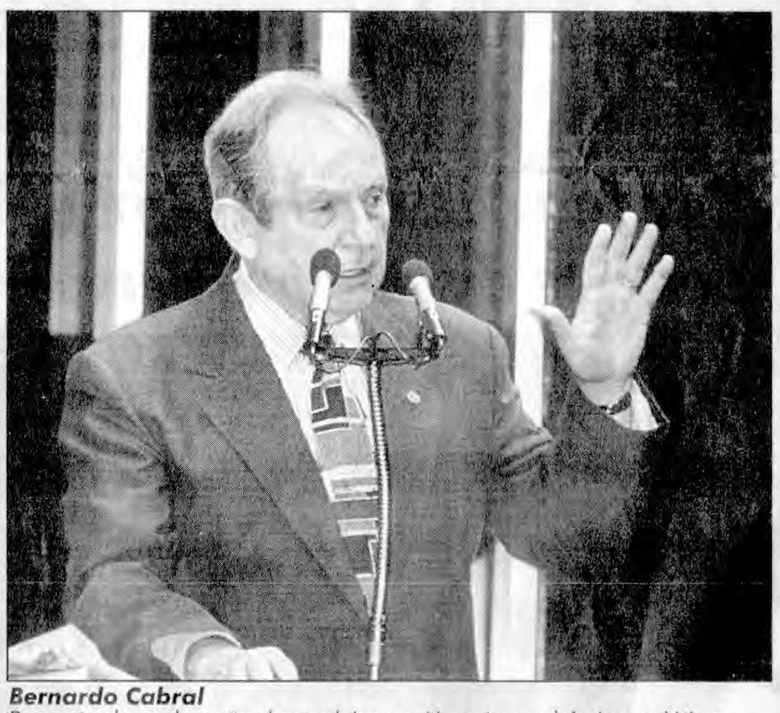
*Cabral:* Pior do que isso é o registro de que há perdas ainda mais valiosas do que madeiras no fundo dos lagos e das represas amazônicas. Refiro-me, no caso de Balbina, à seringa e ao pau-rosa, que estavam sendo explorados até os últimos seis meses antes do enchimento. Isso para não mencionar os riquíssimos e disputadíssimos compostos farmacêuticos, que subjazem nos fundos dos lagos à espera de investimentos exploratórios. De fato, são recursos naturais de inestimável valor econômico, cujo prazo de maturação para ingresso no mercado global de troca capitalista está hoje para além do ideal.

**Em Tempo: O projeto de aproveitamento da madeira submersa da Amazônia possibilitaria a criação de uma outra atividade econômica dentro das hidrelétricas?**

*Cabral:* Com tanta riqueza natural à disposição da economia amazônica, nada mais providencial que reverter o efeito de quase nulidade produtiva das hidroelétricas quando se avalia o atendimento ou não das expectativas de transformação social, tão alimentadas pela comunidade amazônica. A simples instalação das hidroelétricas na região não garantiu ganhos políticos transparentes que pudessem refletir no árduo processo de desenvolvimento das relações sócio-econômicas. Longe de mim, porém, julgar a instalação do complexo de hidroelétrica na Amazônia como fiasco nacional.

**Em tempo: Da forma como foram concebidas as hidrelétricas cumprem sua função social?**

Cabral: Para mudar esse frustrante panorama, a exploração das toras submersas em grande medida se justifica como plano complementar ou revisor do conturbado projeto das hidroelétricas amazônicas. Talvez, assim, a tão cobrada função social das represas não resumiria à mera promessa de palanque eleitoral. Pois, se bem recordamos, o objetivo da construção das barragens consistia na produção de energia em escala suficientemente elevada, a ponto de gerar profundas transformações sociais e, portanto, fomentar o progresso da região. Aliás, como se verifica hoje, muito pouco se concretizou desses objetivos até o momento. Na verdade, distorções estruturais foram privilegiadas, desviando o projeto para fins nacionalmente atraentes, mas regionalmente catastróficos.



***Bernardo Cabral***
Proposta da exploração da madeira e críticas às madeireiras asiáticas

**Em Tempo: Qual é a crítica de Philip Fearnside?**

*Cabral:* Segundo Fearnside, "a construção de hidrelétricas é o exemplo mais gritante de uma política global, porque a energia é utilizada para a produção de um alumínio destinado ao mercado externo, à exportação, a preços baixos". Em resumo, tais projetos pouco ou nada beneficiaram a sociedade amazônica. Aliás, o professor Fearnside tem sido um dos grandes críticos da ausência de uma participação mais efetiva da sociedade local no compartilhamento dos resultados produtivos da energia gerada pelas usinas na Amazônia. Para ele, a quantidade de empregos para a população tem sido irrisória. Protesta ele da seguinte forma: "São menos de dois mil empregos usando dois terços de uma energia que custou cerca de US$ 8 bilhões, o que dá mais de US$ 4 milhões para cada emprego gerado". Diante desses números, não precisa ser muito inteligente para perceber o imoral descompasso entre o vultoso montante existido e o minguante retorno produzido. Por isso, o professor Fearnside, dentro e fora do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, tem-se destacado como ilustre defensor da exploração submarina nos lagos amazônicos como política econômica

**Em Tempo: Ecologicamente seria mais sensato?**

*Cabral:* A adoção de tal política imporia, necessariamente, o arrefecimento do abate tradicional de árvores, do desmatamento indiscriminado da floresta que se vem operando historicamente de maneira perversa e predatória. Mais ainda, a exploração ordenada dos recursos submersos evitaria o nocivo processo de decomposição da floresta inundada, que acaba por matar os peixes dos reservatórios e por corroer os equipamentos da usina.

**Em Tempo: Quer dizer que a floresta submersa pode provocar problemas mecânicos?**

*Cabral:* A progressiva acidez das águas inundadas e a conseqüente corrosão das turbinas da barragem, bem como a redução de peixes disponíveis para o abastecimento da região, só significam uma acumulação desnecessária de problemas sociais e prejuízos econômicos, a qual, ao final, desmoronar-se-á nas costas da população local. Somado a isso, não se deve esquecer de quão profundamente a decomposição da floresta afeta a expansão do efeito estufa, em função da maciça liberação de carbono para a atmosfera.